

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO PLANETÁRIA E TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS

EDUCAR ENTRE AS ÁGUAS E A SECA: DESAFIOS ENFRENTADOS POR DOCENTES EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO AMAZONAS

Karlos Ribeiro Alves¹

INTRODUÇÃO

A educação em comunidades ribeirinhas do Amazonas apresenta especificidades marcadas pelas dinâmicas naturais das cheias e secas dos rios, que impactam diretamente o funcionamento das escolas e a prática docente. Nesse contexto, o professor enfrenta desafios que extrapolam o pedagógico, envolvendo questões sociais, geográficas e estruturais. Arroyo (2014) afirma que “o trabalho docente é profundamente condicionado pelo território em que se realiza” (p. 56), o que evidencia a relevância de analisar a docência em contextos ribeirinhos.

As cheias e secas, fenômenos recorrentes na região amazônica, influenciam o acesso à escola, a permanência dos alunos e a organização do calendário escolar. Segundo Oliveira e Silva (2019), “a sazonalidade dos rios interfere diretamente na continuidade do processo educativo” (p. 112). Dessa forma, compreender os desafios enfrentados pelos docentes torna-se essencial para a construção de políticas educacionais mais equitativas.

A educação ribeirinha demanda práticas pedagógicas contextualizadas, que considerem os saberes tradicionais e a realidade local. Freire (1996) destaca que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (p. 30). Assim, o professor ribeirinho atua como mediador entre o conhecimento científico e o cotidiano das comunidades, mesmo diante de condições adversas impostas pelas cheias e secas.

DESENVOLVIMENTO

A prática docente em comunidades ribeirinhas é marcada pela precariedade da infraestrutura escolar, agravada nos períodos de cheia, quando escolas são alagadas ou o acesso se torna inviável. De acordo com Hage (2011), “as escolas do campo e das águas enfrentam desafios históricos relacionados à falta de investimentos” (p. 89). Esse cenário compromete o desenvolvimento das atividades pedagógicas e exige constante adaptação por parte dos professores.

¹ Professor e mestrando pela Universidade de la Empresa em Montevidéo-UY

Durante os períodos de seca extrema, outro desafio se impõe: o isolamento das comunidades e a dificuldade de transporte fluvial. Segundo Costa e Pereira (2020), “a seca prolongada reduz a mobilidade dos alunos e docentes, afetando a frequência escolar” (p. 64). Essa realidade exige do professor estratégias flexíveis para garantir a continuidade do ensino.

Além das dificuldades estruturais, os docentes ribeirinhos enfrentam desafios pedagógicos relacionados à multisseriação, comum nessas comunidades. Arroyo (2014) afirma que “o professor do campo e das águas precisa reinventar sua prática para atender diferentes níveis de aprendizagem” (p. 72). Tal contexto demanda planejamento diferenciado e maior carga de trabalho docente.

A formação inicial e continuada dos professores que atuam em áreas ribeirinhas, muitas vezes, não contempla as especificidades desse território. Segundo Molina (2015), “a formação docente ainda está distante das realidades vividas nas escolas do campo” (p. 41). Isso reforça a necessidade de políticas formativas que valorizem a educação contextualizada amazônica.

Apesar das adversidades, os docentes desenvolvem práticas pedagógicas resilientes, incorporando os saberes tradicionais e o ambiente natural como recursos didáticos. Freire (1996) ressalta que “a prática educativa é um exercício permanente de reflexão” (p. 38). Assim, o cotidiano ribeirinho torna-se espaço de aprendizagem significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos desafios enfrentados por docentes em comunidades ribeirinhas evidencia que as cheias e secas impactam diretamente a organização escolar e o processo de ensino-aprendizagem. Oliveira e Silva (2019) afirmam que “a instabilidade climática amplia as desigualdades educacionais na Amazônia” (p. 118). Esses fatores exigem políticas públicas específicas para a região.

Observa-se que, mesmo diante das adversidades, os professores desenvolvem estratégias pedagógicas criativas, como reorganização do tempo escolar e uso de materiais alternativos. Hage (2011) destaca que “a resistência docente é um elemento central na garantia do direito à educação” (p. 94). Essas práticas demonstram o compromisso dos educadores com a aprendizagem dos alunos.

No aspecto socioeducacional, a atuação docente contribui para o fortalecimento da identidade cultural ribeirinha e para a valorização dos saberes locais. Molina (2015) aponta que “a educação do campo deve promover o reconhecimento das culturas tradicionais” (p. 47). Assim, a escola ribeirinha torna-se espaço de afirmação cultural e social.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, conclui-se que educar entre as águas e a seca no Amazonas representa um grande desafio para os docentes que atuam em comunidades ribeirinhas. As cheias e secas impactam não apenas a estrutura escolar, mas também a organização pedagógica e o cotidiano dos professores, exigindo constantes adaptações e resiliência profissional.

Portanto, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas que considerem as especificidades da educação ribeirinha, garantindo formação adequada, infraestrutura e valorização docente. Como afirma Freire (1996), “a educação é um ato de amor e coragem” (p. 52), e, no contexto amazônico, esse ato revela-se fundamental para a promoção da justiça social e educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arroyo, M. G. (2014). *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Costa, R. S., & Pereira, L. M. (2020). Educação ribeirinha e os desafios do acesso escolar na Amazônia. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 5(2), 55–70.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Hage, S. M. (2011). *Educação do campo na Amazônia: desafios e perspectivas*. Belém, PA: EDUFPA.
- Molina, M. C. (2015). *Educação do campo e políticas públicas*. Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Oliveira, J. P., & Silva, A. R. (2019). Cheias e secas e seus impactos na educação ribeirinha amazônica. *Revista Educação & Sociedade*, 40(147), 109–123.

Profa. Dra. Cássia S. de C.
Ribeiro
160.244.725.18

Prof. Dra.
Revista PHILOS
Website: <https://seuartigo.com.br/>

Junior Peres
Coordenação Geral
Congresso Internacional em
Educação Planetária
CNPJ: 45774153000124

